UNIVERSIDADE BRASILEIRA PÓS-PANDEMIA
Prof. Eduardo Magalhães Junior

A parada súbita, inesperada e cruel de todas as atividades das Universidades Brasileiras causada pelo CORONA VÍRUS, ao tempo em que nos encheu de preocupações as mais diversas, deu-nos uma oportunidade, entre um tormento e outro do entediante isolamento e quarentena, de pensar a Universidade; do que foi, historicamente, do que passou a ser, principalmente depois da década de 80, do Século passado, no que têm se transformado as Instituições de Ensino Superior, especialmente depois de sua esquerdização a partir do primeiro Governo Lula, em 2003. Observe-se que me refiro a esse fenômeno como esquerdização e não aparelhamento, como acontece a partir de 2005, ou militarização como acontece agora no Governo Bolsonaro.

No último Ranking QS (Quacquarelli Symonds) das universidades do mundo, recentemente divulgado, o Brasil, não tem sequer uma universidade entre as 100 melhores do mundo. A USP, melhor colocada, é a 115ª do mundo. Mais de 100 posições atrás, em seguida aparece a Universidade de Campinas. Apenas 16 aparecem entra as 1000 melhores do mundo. Os Estados Unidos que de há muito dominam esse ranking, têm 27 das 100 melhores, 7 das 10 melhores e lidera 1,2 e 3 com MIT, Stanford e Harvard.

Um dado perturbador se refere à Argentina. A Argentina nunca teve grandes preocupações com o ensino superior. Seu interesse principal sempre foi o ensino fundamental que naquele País marcou época na segunda metade do Século XIX. A Argentina tem uma entre as 100 melhores do mundo, a Universidade de Buenos Aires. Na última amostragem o Brasil tinha 19 universidades ranqueadas. Importante ficar atento para o fato de que a Universidade Chinesa de nenhuma tradição histórica no Ensino Superior tenha hoje 26 universidades entre a 100 melhores do mundo.

A conclusão é clara: o ensino superior brasileiro não é muito bom. Não é bom e vem caindo progressivamente nos últimos anos. Qual a causa para essa queda tão grande na qualidade do ensino nas Universidades Brasileiras?

Entrei na Universidade Federal de Alagoas, através de concurso realizado na década de 80 do Século XX. O que significa dizer que nos últimos quarenta anos participei ativamente de todas as transformações que ocorreram na UFAL e/ consequentemente, no Ensino Superior Brasileiro. O sistema de crédito é muito bom, mas em instituições ricas com uma quantidade muito grande de professores que possam ofertar uma lista imensa de disciplinas optativas. Como isso não podia acontecer na paupérrima universidade pública brasileira, o sistema de crédito logo passou a ser um sistema de créditos seriado e finalmente desapareceu.

Na Universidade Federal der Alagoas, copiamos o TCC que a universidade americana aboliu na década de 50 do século passado. Introduzimos a aprovação por média. Criamos o direito a 25% de faltas em aulas presenciais, criamos as Casas de Cultura de Línguas Estrangeiras,

acabamos com as Casas de Cultura de Línguas Estrangeiras. Criamos vários cursos de especialização, dezenas de cursos de Mestrado, mais de vinte cursos de doutorado.

Construímos uma biblioteca, mas não compramos livros para enriquecer suas estantes. Temos quadras esportivas e campos de futebol, mas não participamos de (grandes) competições nacionais ou pelo menos regionais. Tivemos as quotas raciais, o fim das fundações, o fim do vestibular. Quase o fim da reprovação.

Contudo, de todas as transformações introduzidas nos últimos anos na Universidade Brasileira, a mais prejudicial é a que dividiu as áreas de atuação da Universidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. De repente a Universidade Brasileira passou a ter a Pesquisa como área obrigatória de atuação universitária. Resultado: a qualidade da pesquisa no Brasil desmoronou levando consigo o que ainda tínhamos de ensino de qualidade. Temos 8, 10 universidades onde se produz pesquisa de ponta, temos traz 15, 20 que reproduzem, na maioria das vezes, pesquisas que já foram feitas no exterior, e o resto com uma qualidade de pesquisa que não é possível sequer chamar-se de qualidade inferior. Não têm qualidade. Não pode haver nada inferior produzido pela universidade. Tudo na universidade tem que ser superior. Somente na cabeça de Elysio de Carvalho, alagoano ilustre, concebia-se, no começo do Século XX, a possibilidade de uma Universidade Popular... sem preconceitos nem racismos, a Universidade é a elite das instituições do saber.

A pandemia do Novo CORANAVÍRUS que se abateu sobre o Brasil pode ter sido o golpe de misericórdia nos estertores do Ensino Superior. Como vamos retornar às aulas? Como serão as aulas pós-pandemia? É obvio que a EAD, Educação à Distância, vai atingir proporções nunca imaginadas com profundas perdas na qualidade do Ensino. Tendo uma experiência como aluno e como professor com mais de sessenta anos de experiência, em três países, Brasil, Espanha e Estados Unidos, não tenho nenhuma dúvida de que o ingrediente mais importante na formação de um estudioso, de um estudante é o ambiente acadêmico. É a interação dinâmica com pares e com professores. É a troca fervorosa de ideias. Isso vale dizer que, o prejuízo para o Ensino Superior Brasileiro será um dano permanente que jamais poderá ser sanado.

Defendo que a melhor maneira de retomar as atividades pedagógicas, defendo que nos lugares onde não se obtém sinal da Internet que se reative o eficiente método de ensino à distância pelo rádio. Todas as estratégias e métodos usados no EAD pela Internet seriam adaptados as exigências do ensino pelo rádio. Não é a única alternativa, mas a experiência que adquirimos, no passado recente e no passado distante, pode nos levar a desenvolver, a toque de caixa, métodos e estratégias de reduzir ao mínimo a marca negativa na Educação Brasileira a ser deixada pela Pandemia.